

A portrait of Marcelo Paes de Mello, a middle-aged man with a grey beard and glasses, wearing a dark jacket. The image is overlaid with a blue tint.

Marcelo Paes de Mello

Todo coração

A reportagem “Marcelo Paes de Mello: todo coração” é parte de uma série mais abrangente, “Santa Cruz de perfil” (de retratos diversos, com padres, educadores e educadoras da escola), que pretende reunir e recuperar a história do Colégio. Esta edição foi redigida por Camilo Vannuchi. Setembro de 2026.

Marcelo Paes de Mello

Todo coração

Professor de Biologia por quarenta anos, coordenador e vice-diretor do Ensino Médio, aficionado por Londres e craque no ensino da genética e do sistema cardiovascular, Marcelo trocou a cidade de Santos por uma área bucólica em Taboão da Serra, onde criava rottweilers, tocava violão e semeou o projeto de gravar um álbum-solo.

Por Camilo Vannuchi



O desenho na lousa é feito com esmero. Mãos de arquiteto riscam o quadro-verde com giz. Dois átrios e dois ventrículos. Válvulas mitral, tricúspide, aórtica e pulmonar. Sístoles e diástoles. A artéria pulmonar bombeia sangue venoso para os pulmões enquanto a aorta distribui sangue arterial para o resto do corpo.

Quem observa a precisão das formas poderia imaginar que as palavras artista e arterial têm o mesmo radical, embora a primeira derive do latim *ars* e remeta a habilidade ou ofício, e a segunda resulte da junção dos termos gregos *aer* (ar) e *terein* (guardar) — do tempo em que Hipócrates, o pai da medicina, jurava de pés juntos que as artérias conduziam ar, e não sangue.

De giz em punho, o professor parece disposto a subverter e etimologia e provar que é tudo igual, o latim e o grego, a arte e a artéria.

Passados três minutos, ele olha para a lousa e se dá por satisfeito. “Bombeia, coração, bombeia!”, poderia ordenar, como Michelangelo diante de um Moisés mudo e impassível. Depois se lembra de que há quatro dezenas de estudantes à espera e dá início à exposição.

A aula não é de desenho nem de design gráfico, mas de outra arte, a Biologia. E o sistema circulatório é apenas o ponto de partida de uma longa jornada que, nas semanas seguintes, vai esmiuçar a composição do sangue, explicar os antígenos A e B e o fator Rh, apresentar o funcionamento dos anticorpos e percorrer os meandros da genética. Até lá, o professor terá tempo de se esmerar nas representações visuais das células do sistema imune e da dupla-hélice do DNA.

— A lousa do Marcelo era uma perfeição, com desenhos e esquemas impecáveis — lembra Suzana Granato, que foi sua aluna em 1975, o mesmo ano em que ele entrou no Colégio, e sua colega no corpo docente a partir dos anos 1990.

— Ele era muito culto e sensível, sabia muito de cinema, teatro e música, e estava sempre atento ao que as pessoas tinham de melhor, tanto os alunos quanto os demais professores — conta Kátia Grieco, que por mais de vinte anos foi orientadora educacional do Ensino Médio.

Marcelo já era artista antes de se tornar biólogo. O talento para o desenho viria depois. Muito antes, ainda na adolescência, foi a música que o fagorou primeiro. Nascido em Santos, em 1947, Marcelo começou a tocar violão para embalar as tardes de domingo à beira da praia. Aos 20 anos, já emplacava canções de sua autoria em prêmios e concursos musicais. Eram os vibrantes anos 1960, e a Era dos Festivais havia se tornado um fenômeno de público e crítica.

Funcionava assim: os compositores, mesmo inéditos, inscreviam suas músicas e convidavam alguém para cantá-las. Havia as etapas classificatórias e a grande final, em que uma dúzia de músicas novas, escolhidas pelo júri, eram apresentadas para um teatro lotado e transmitidas ao vivo por algum canal de TV. A Record organizava o Festival de Música Popular Brasileira. A Globo, o Festival Internacional da Canção. Em 1966, por exemplo, rolou um empate no festival da Record: “A Banda”, de Chico Buarque, interpretada por ele e Nara Leão, dividiu o primeiro lugar com “Disparada”, de Geraldo Vandré e Theo de Barros, executada por Jair Rodrigues. Marcelo era fascinado por Nara, a musa da bossa nova, na época reposicionando sua carreira para cantar sambas de morro e protestar contra a ditadura imposta ao país dois anos antes. No ano seguinte, Chico Buarque, ex-aluno do Santa Cruz, ficou em terceiro lugar com “Roda Viva”, defendida por ele e pelo MPB4. Quem venceu foi a dupla Edu Lobo e Capinan, com “Ponteio”, nas vozes de Edu e Marília Medalha, deixando Gilberto Gil em segundo, com “Domingo no Parque”, e Caetano Veloso em quarto, com “Alegria, Alegria”. Na mesma época, Marcelo debutou num festival de Santos. Reza a lenda que ficou em segundo lugar. Arrebentou a boca do balão, como se dizia.

— Ele andava com uma turma de músicos — lembra o irmão mais velho, Edison, o mesmo nome do pai, com o desalento de quem admite não ter acompanhado de perto os passos do caçula. — Nessa época, nós já estávamos cada um para um lado. Eu tinha seis anos a mais e já atuava no jornalismo. Sérgio, nosso irmão do meio, jogava bola.

Jogar bola, aqui, não é figura de linguagem nem sinônimo de indolência ou vadiagem. Sérgio foi jogador profissional de futebol. Revelado pela Portuguesa Santista em meados dos anos 1960, o ponta-esquerda Serginho defenderia, entre 1968 e 1970, o Palmeiras, time pelo qual venceu o Campeonato Brasileiro de 1969 e, segundo informações do clube, disputou 99 jogos e fez 13 gols. Depois voltou para a Portuguesa Santista, deu aula de futebol e foi dirigente do clube. Morreu em 2020, aos 76 anos.

Marcelo tinha 8 anos quando perdeu o pai, comerciante. Edison, aos 15, começou a trabalhar para ajudar nas despesas da família. Logo foi a vez de Sérgio, três anos mais novo, passar na peneira e se juntar ao time de base da Portuguesa Santista. Sobrou o caçula, filho único na maior parte do tempo.

— Resultado: Marcelo virou o xodó da mãe e das tias e cresceu rodeado de mulheres — diz Edison, conhecido crítico e produtor teatral, que completou 82 anos em 2026.

Rapaz bonito, de personalidade introvertida e sensibilidade aguçada, Marcelo encontrou na configuração doméstica um celeiro fértil para deixar fluir a veia artística. As outras veias, como as cavas e as safenas, ele descobriria depois.



Marcelo Paes de Mello tinha 23 anos, barba rala e cabelo cobrindo as orelhas quando se matriculou no curso de Biologia do Instituto de Biociências da USP, em 1971. Ainda não havia o Enem, o principal mecanismo de seleção para as universidades públicas a partir de 2009, nem mesmo a Fuvest, fundação responsável por elaborar e aplicar o vestibular unificado da USP, inaugurada somente em 1976. Entre 1964 e 1975, as provas eram divididas por áreas de conhecimento. Os candidatos aos cursos de humanas se submetiam ao exame do Centro de Seleção de Candidatos às Escolas de Administração (Cescea), enquanto os interessados em ciências exatas recorriam ao Vestibular Unificado de

Ciências Exatas e Engenharia, mais conhecido como Mapofei (acrônimo de Mauá, Politécnica e FEI, as três faculdades principais).

Quem quisesse cursar ciências biológicas, por sua vez, tinha de prestar o exame do Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas (Cescem). Marcelo encarou o desafio com dois objetivos. Em primeiro lugar, ele queria trocar Santos por São Paulo, cidade cosmopolita que concentrava os espetáculos teatrais e os shows de que tanto gostava. Em segundo lugar, queria sair de casa, ser independente, tocar a própria vida.

— Marcelo já ensinava Biologia no colégio Stella Maris, em Santos, e tinha se formado em Ciências — diz Edison, referindo-se à primeira graduação do irmão, na Faculdade São Leopoldo de Filosofia, Ciências e Letras, hoje Universidade Católica de Santos. — Mas botou na cabeça que queria ir para a USP, e foi.

Ainda segundo o irmão, Marcelo estava decidido a permanecer na universidade e seguir carreira acadêmica, principalmente como pesquisador. Foi por isso que, na virada de 1975, assim que se formou em Biologia na USP, ele logo emendou a segunda graduação num mestrado, sob a orientação de Renato Basile.

Um dos maiores nomes da Biologia nos anos 1970, Basile havia sido um dos fundadores da Associação Paulista de Biólogos e, naquela época, militava pela regulamentação da profissão, campanha em que teria êxito anos depois, em 1979. Profundo conhecedor das células e suas estruturas, era autor de livros didáticos, entre eles um instigante e atualíssimo volume intitulado *Citologia e Genética*, escrito em parceria com outro expoente do Instituto de Biociências, o professor Luiz Edmundo de Magalhães. Luiz Edmundo, por sua vez, também era casado com uma bióloga. Especialista em botânica e pioneira nos estudos da ecologia, Nícia Wendel de Magalhães dava aulas no Colégio Santa Cruz.

Marcelo demonstrava tamanho rigor na pesquisa do mestrado que Renato Basile não hesitou em indicá-lo a Luiz Edmundo quando o amigo lhe contou da iminente transferência do casal para o interior do estado. Luiz Edmundo havia sido indicado para assumir a reitoria da Universi-

dade Federal de São Carlos, e sua nomeação ocorreria ainda no primeiro semestre. Nícia acompanharia o marido na mudança, com a honrosa missão de criar um parque ecológico na cidade, o que a obrigaria a se desligar do Santa em poucos meses. Para completar, Luiz Edmundo era irmão de Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães, professor de Matemática no Colégio e vice-diretor do Ensino Médio, então chamado de Segundo Grau. A direção teria apenas até as férias de julho para encontrar um substituto para Nícia — e uma recomendação dela e de Luiz Edmundo tinha tudo para emplacar.

No dia 4 de agosto de 1975, aos 27 anos, Marcelo estreou como professor no Colégio Santa Cruz, com o eletrizante desafio de substituir, no meio do ano letivo, uma das professoras mais admiradas pelos alunos.



Foi como uma epifania, uma espécie de alumbramento. O Colégio Santa Cruz era muito diferente das escolas que Marcelo conhecia, inclusive o Stella Maris de Santos, onde lecionava. Fundado em 1924, num imóvel construído nos primeiros anos do século XX, o Stella Maris parecia um convento, com colunas romanas na entrada, arcos e abóbadas pelos corredores, elementos vazados nas sacadas e esculturas religiosas pelos jardins. Era um prédio clássico e grandioso, que resistiria ao tempo e à especulação imobiliária até ser tombado pelo patrimônio histórico municipal, em 2007.

No Alto de Pinheiros, Marcelo deparou com um ambiente leve e funcional, com pavilhões modernistas assinados pelo arquiteto Roberto Tibau distribuídos por uma gleba muito mais extensa e arborizada, que lembrava o *campus* da USP, não muito distante dali. Amplas janelas envidraçadas davam aos blocos uma aparência luminosa, enquanto ipês-amarelos emprestavam sua sombra para que jovens, alguns cabeludos, se espreguiçassem e dedilhassem violões entre partidas de vôlei, trabalhos em grupo e reuniões do grêmio.

Em ambos os colégios, a educação se apoiava na tradição católica de centenárias instituições francesas — uma criada havia quase 400 anos em Mattaincourt, no Leste, e a outra constituída havia 140 anos em Le Mans, no Oeste. Enquanto o Stella Maris era dirigido pelas Cônegas de Santo Agostinho — a mesma congregação que administrava os colégios Madre Alix e Nossa Senhora do Morumbi, em São Paulo —, o Santa era conduzido por missionários canadenses. Doze deles chegaram a morar simultaneamente na antiga casa dos padres, dentro do Colégio, próximo à Avenida Arruda Botelho, sob a liderança do diretor-geral, padre Lionel Corbeil, e seu vice, padre Paul-Eugène Charbonneau, um intelectual humanista que aparecia com frequência na TV e adorava desafiar os alunos em partidas de tênis e torneios de cabo de guerra.

Marcelo tinha 27 anos, tocava violão e vestia calça boca de sino quando estreou no Santa como professor da primeira turma mista

Finalmente, uma importante revolução nos costumes se aproximava a galope. Em Santos, Marcelo lecionava apenas para garotas. No Ensino Médio do Santa, em que os rapazes compunham a totalidade dos alunos até 1973, quis o destino que Marcelo fosse admitido em 1975 para dar aulas de Biologia para a segunda série, justamente a primeira turma mista — ou de “coeducação”, como se dizia meio século atrás. As alunas pioneiras haviam se matriculado em 1974, na primeira série, e completariam o curso no fim de 1976.

Para muitas delas, o jovem professor, recém-chegado do litoral, não era apenas um ótimo docente.

— Ele era um gato — confia Suzana Granato, uma das garotas da primeira turma mista. — Usava barba, vestia calça boca de sino e tocava violão. Eram outros tempos.

Às vezes, segundo Suzana, Marcelo aproveitava o intervalo para ficar tocando e cantando com um grupo de alunos no terraço ao lado da antiga capela do Ensino Médio, no alto da rampa, onde hoje é a Sala Pe. Basile Moreau. No ano seguinte, influenciada principalmente por ele, Suzana faria vestibular para Biologia e, ainda na USP, voltaria ao Santa como assistente de laboratório. No início dos anos 1990, após uma passagem de quase uma década pelo colégio Galileu Galilei, Suzana voltaria mais uma vez ao Alto de Pinheiros, para ser colega do ex-professor.

Um dia, ainda em 1975, quase no fim do ano, uma das canções de Marcelo foi selecionada para um festival de música popular em Santos. Parte da turma de Suzana desceu a serra para torcer por ele. Marcelo não levou o prêmio naquela noite, mas a mobilização dos alunos, menos de quatro meses após seu ingresso no Santa, foi a maior homenagem que o jovem professor poderia esperar.

Os festivais de música eram espaços de curtição e criatividade, mas também de mobilização política e social. Havia uma ditadura a ser superada, e o movimento estudantil começava a ressurgir, na esteira da distensão lenta e gradual prometida pelo então presidente da República, o general Ernesto Geisel.

Diversos professores do Santa tinham sido perseguidos no decênio anterior — e alguns ainda o eram. Um deles, o filósofo Flávio Di Giorgi, fora exonerado da Unesp de São José do Rio Preto em 1964, logo após o golpe, e convidado pelo padre Charbonneau a se somar ao time de educadores do Colégio. Anos depois, em novembro de 1969, um jovem frade dominicano que atuava no Santa como animador espiritual seria preso e torturado pela repressão, acusado de colaborar com Carlos Mari-ghella, então o inimigo número 1 da ditadura. Banido do país em janeiro de 1971 com mais 69 presos políticos, todos trocados pelo embaixador suíço, Giovanni Enrico Bucher, que havia sido sequestrado pela VPR, Frei Tito foi para o Chile e depois para a Itália e a França, onde tiraria a própria vida em agosto de 1974, atormentado pelos fantasmas das torturas que havia sofrido.

Logo em seu primeiro ano no Colégio, Marcelo teve um aluno, também chamado Marcelo, que poucos anos depois viria a se tornar um escritor renomado. Autor de *Feliz Ano Velho* (1982) e *Ainda Estou Aqui* (2015), Marcelo Rubens Paiva parecia sintetizar os efeitos da truculência verde-oliva em toda uma geração de filhos de desaparecidos. Quatro anos antes, em 1971, seu pai, Rubens Paiva, fora conduzido por agentes à paisana para prestar depoimento no Destacamento de Operações de Informação do I Exército, no Rio de Janeiro, e nunca mais voltou para casa. Tampouco o corpo foi localizado. Meses depois do desaparecimento de Rubens Paiva, sua esposa, Eunice, mudou-se com a família para São Paulo e matriculou o caçula no Santa Cruz. Em outubro de 1975, Marcelo ainda não havia completado três meses como professor quando a morte sob tortura do jornalista Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura, o lembraria de que, apesar da promessa de abertura, episódios como aqueles não eram casos isolados.



Compositor, letrista e violonista, disposto a preencher o quadro-negro com corações impecáveis, o professor Marcelo era também vidrado em cinema, sobretudo nas fitas produzidas na Europa e que logravam driblar a Censura no Brasil.

Lado a lado com gênios da *nouvelle vague* francesa, como François Truffaut e Jean-Luc Godard, Marcelo nutria especial predileção pelos veteranos do neorealismo italiano, como Vittorio De Sica (*Ladrões de Bicicleta*), Roberto Rossellini (*Roma, Cidade Aberta*) e Luchino Visconti (*A Terra Treme*), bem como pelos discípulos diretos daqueles diretores, como Pier Paolo Pasolini (*Teorema*) e Federico Fellini (*A Doce Vida*). Seu fascínio pelo cinema italiano era tão grande que, papo vai, papo vem, ele logo se entrosou com uma das novas colegas, a professora de Português Maria Antonietta Scarabello. Antonietta não apenas havia nascido na Itália como era filha de um homem do cinema, o fotógrafo

Nardo Scarabello, que, entre outros, havia filmado um longa-metragem *partisan*, notadamente antifascista, *Aldo Dice* 26x1, de 1945.

— Nosso primeiro vínculo veio daí — ela lembra. — Em seguida, acho que nos identificamos também pelo prazer que ele tinha em conhecer outros idiomas.

Fluente em inglês, Marcelo arriscava algumas palavras em italiano.

— Às vezes, emperrava na pronúncia de algum fonema, principalmente porque tinha a língua um pouco presa — conta Antonietta. — Eu insistia, até que ele superasse aquela trava.

Além da veia artística aguçada, outra característica marcante do professor Marcelo era sua capacidade de acompanhar as novidades no mundo da ciência.

— Ele estava sempre por dentro de tudo — afirma Fábio Aidar, hoje diretor-geral do Colégio, seu aluno em 1978.

Fábio conta que foi Marcelo quem apresentou a sua turma uma novidade superintrigante, que deixaria todos alvoroçados: o sequenciamento genético. Apenas um ano antes, havia sido anunciado o primeiro sequenciamento genético completo, de um vírus bacteriófago chamado Φ X174 — assim mesmo, começando com a letra *phi* do alfabeto grego. Usualmente, esse vírus infecta e destrói a *Escherichia coli*, bactéria que habita o intestino dos seres humanos e auxilia na digestão. O feito, atribuído ao Laboratory of Molecular Biology, de Cambridge, renderia a seu diretor, o bioquímico britânico Frederick Sanger, o seu segundo Nobel de Química, em 1980.

— Marcelo traduziu tudo aquilo para nós — conta Fábio. — Ficamos perplexos com as possibilidades das pesquisas com DNA, e ele soube conquistar a turma dessa forma. Os alunos ficaram envolvidos, nossos olhos brilhavam.

A novidade abriu caminho para a decodificação da dupla-hélice do DNA de organismos mais complexos, culminando no sequenciamento do genoma humano, entre 1990 e 2022, ano em que foi divulgado o mapeamento genético 100% completo.

Coincidentemente, uma das alunas de Marcelo, em 1983, foi Mariana Cabral de Oliveira, que se tornaria bióloga e, na condição de professora e pesquisadora da USP, lideraria nos anos 1990 a equipe responsável pelo sequenciamento genético da bactéria *Xylella fastidiosa*, uma praga muito comum na viticultura, nos cafezais e nas lavouras de laranja e de outras espécies cítricas.

— Ele tinha o dom de passar um conteúdo denso de uma forma mais leve e interessante — lembra Mariana. — Foi um excelente professor, que dominava o conteúdo com profundidade, estava sempre calmo e sabia cativar os alunos.

— Marcelo era um *lord*. A gente nunca o viu perder a paciência com os estudantes nem com ninguém — completa Suzana Granato.

— Ele era muito empático, generoso e justo — afirma Antonietta.

Essas qualidades, segundo *la professora* de Português, colaboraram para que Marcelo fosse logo promovido à função de coordenador.



A primeira experiência de Marcelo como coordenador se deu em 1979, apenas quatro anos após seu ingresso como professor, quando assumiu a coordenação da Câmara de Ciências Experimentais. Naquela época, havia coordenações por áreas de conhecimento, que seriam extintas na década seguinte. Marcelo passou a coordenar o guarda-chuva que abrigava as disciplinas de Biologia, Química e Física das três séries do Ensino Médio. Já em 1983, assumiu a coordenação de toda a segunda série — função que manteria por trinta anos.

Como coordenador, Marcelo tinha a atribuição de supervisionar o trabalho dos colegas, verificar o cumprimento do programa curricular previsto para cada bimestre, sugerir soluções didáticas e, eventualmente, dirimir conflitos. Por duas décadas, nos anos 1990 e 2000, atuou em dupla com Kátia Grieco, então orientadora educacional da mesma segunda série. Quase sempre, resumia de forma bem-humorada a divisão

das tarefas: segundo ele, quem deveria cuidar dos alunos era a Kátia, enquanto ele tinha a atribuição de cuidar dos professores. Cada um no seu quadrado, os dois trabalhavam alinhados e organizavam reuniões semanais com os demais professores. Não era raro Marcelo pedir a Kátia que comesse a reunião sem ele, por exemplo, e que os dois buscassem juntos a sinergia necessária para melhorar o entrosamento entre os corpos docente e discente.

— Ele era considerado um coordenador muito conciliador — ela lembra. — Ouvia a opinião de cada professor e colocava algumas questões para reflexão antes de apresentar qualquer decisão tomada, mesmo quando fosse uma decisão impopular, assertiva, que não agradaria a todos.

Embora ele repetisse que não era sua função lidar tão diretamente com os alunos, a não ser no papel de professor de Biologia, seu perfil conciliador e empático fazia com que muitos adolescentes o procurassem nos corredores ou reservadamente, em sua sala, com demandas que escapavam à rotina da citologia ou dos tipos sanguíneos. Aparecia de tudo, desde adolescente em pânico porque a menstruação da namorada estava atrasada, em busca de alguma explicação que só o professor responsável pelas aulas de sistema reprodutivo poderia lhe dar, até jovens interessados em continuar o Ensino Médio no exterior, cientes de que Marcelo era a pessoa ideal para indicar colégios na Europa ou nos Estados Unidos e redigir cartas de recomendação.

Havia também quem o procurasse com demandas mais corriqueiras. Seu aluno em 1999, Luís Henrique Godeghesi editava o jornal do grêmio e, a cada edição, batia à porta de Marcelo a fim de submeter o conteúdo à aprovação do coordenador.

— Ele não censurava nada e era muito parceiro, com dicas sempre valiosas — conta Godeghesi, hoje advogado e professor de direito.

Certa vez, coube ao jovem entregar a Marcelo uma prévia do jornal com uma pauta polêmica. A equipe de reportagem havia feito uma enquete com os alunos e elaborado uma espécie de ranking das dez piores aulas do Ensino Médio, uma de cada professor. A terceira da

lista era ministrada pelo próprio Marcelo: justamente uma aula sobre menstruação. Era evidente que o clube do Bolinha havia se articulado para votar em peso naquela aula. Os anos 1990 respiravam com a ajuda de aparelhos e pouco se falava em patriarcado ou machismo estrutural. Garotos afirmavam que tinham se sentido excluídos daquela aula, que ela simplesmente não lhes dizia respeito, que não havia acrescentado nada em suas vidas. Ou seja, puro suco de mesquinha. Fato é que o coordenador pedagógico conferiu a lista de cabo a rabo, olhou com gravidade para o jovem editor e, segundo Godeghesi, ponderou:

— Eu até posso autorizar a publicação, mas saibam que essa é uma matéria ofensiva — ele teria dito.

A resposta de Marcelo buscava sinalizar aos alunos que eles tinham autonomia para tomar decisões, mas que nem sempre o que parece genial é apropriado. Valeria a pena incomodar dez professores, eventualmente se indispor com alguns, para, na melhor das hipóteses, produzir algumas risadas? Havia sentido naquele “lacre”?

Passados vinte e sete anos, Godeghesi se lembra daquela conversa como um rito de passagem. O ranking acabou impresso — e o futuro advogado entendeu ali que a liberdade de expressão, embora seja um direito fundamental, não é absoluta e deve ser exercida com responsabilidade.

— A gente estudava num colégio que nos permitia publicar esse tipo de coisa, da mesma forma que nos permitia faltar à aula para jogar bola, mas que nos escancarava o tempo todo que deveríamos estar dispostos a arcar com as consequências — diz ele.

No dia a dia, ainda nos anos 1990, Marcelo formava uma espécie de patota com um grupo reduzido de professoras: Kátia, Suzana, Antonietta e ainda Ana Bruner, professora de filosofia e coordenadora da primeira série. Chamavam-se, aos risos, de “as mulheres do Marcelo”. Saíam para almoçar às sextas-feiras e voltavam para a reunião geral de professores, realizada toda sexta à tarde.

Na virada dos anos 2000, houve substituições graduais na escalação desse time, com aposentadorias e novas contratações. Ana Bruner e

Antonietta foram as primeiras a deixar o Colégio. Ao mesmo tempo, Marcelo passou a conviver mais amiúde com Marina Nunes, a Ina, orientadora educacional da terceira série e mais tarde diretora do Ensino Médio, e com Cris Sucupira, professora de Biologia e mais tarde coordenadora da terceira série. Agora, além das aulas de Biologia, de fazer os melhores desenhos na lousa e de revisar os jornais do grêmio, Marcelo havia trocado a coordenação da segunda série pela cadeira de vice-diretor do Ensino Médio. Como se não bastasse, inventou de tirar o violão do armário e passou a criar paródias que apresentava aos alunos nas excursões anuais a um acampamento em Sapucaí-Mirim: a cada edição, uma música nova, elaborada, ensaiada e apresentada ao vivo por uma banda de professores. Por fim, assumiu também a coordenação da equipe que elaborava as provas de Biologia para o vestibular da PUC.

Marcelo não parava nem queria parar. Nem mesmo nas férias.



Todos os anos, às vezes duas vezes por ano, Marcelo emitia bilhetes, reservava hotel, fazia as malas e embarcava para Londres. Eventualmente, aventurava-se por alguma outra cidade ou país, mas, invariavelmente, voltava para Londres.

A opção de viajar todo ano para Londres exigia método. Marcelo mantinha um cartão de crédito com um programa de fidelidade que lhe permitia converter cada real em milhas — e adotou o hábito sistemático de concentrar todas as despesas no mesmo cartão. Viajava sempre pela mesma companhia aérea, que eventualmente o recompensava com um *upgrade* gratuito para a classe executiva. E muitas vezes escolhia decolar nos dias 25 ou 31 de dezembro, sempre que o desconto compensasse.

Manteve o ritmo de viagens anuais desde meados dos anos 1990, quando o valor do dólar, pareado com o real, tornou possível a um professor de colégio arriscar, com o perdão do trocadilho, voos mais altos. Nos anos 2000, quando houve quem reclamasse da democratização

dos bilhetes, comparando aeroportos a rodoviárias, Marcelo passou a voar duas vezes por ano para fora, em algumas ocasiões com colegas do Santa. A decana professora de Química Lucy Sayão Wendel chegou a acompanhá-lo mais de uma vez. Antonietta lembra-se de ter assistido a *Hamlet* a seu lado, no Wyndham's Theatre, com Jude Law no papel principal. Quando não ia junto, Marcelo dava todas as dicas de onde se hospedar, o que visitar e, principalmente, o que estaria em cartaz no período da viagem.

Ao cabo de duas décadas, Marcelo havia se transformado numa espécie de guia turístico informal sempre que algum conhecido comentava que iria para a Inglaterra.

— Era com o Marcelo que a gente se aconselhava: o que ver, aonde ir, o que estava acontecendo, porque ele sabia tudo — diz Renata Cattaldi, que ensinou Inglês no Santa por quase trinta anos, até 2016, e se aposentou em 2022, como coordenadora da Pastoral Social.

A cosmopolita capital inglesa era uma espécie de santuário para Marcelo, seu local preferido no mundo, onde ele se atualizava e carregava as baterias com o que havia de melhor no circuito cultural.

— Ele conhecia tudo; viajava com os ingressos nas mãos e a agenda toda organizada, com espetáculos todas as noites — diz Raul Teixeira, coordenador do teatro do Colégio. — Voltava para o Brasil duas semanas depois trazendo uma dezena de programas de peças e concertos, um mais fantástico do que o outro.

Essas histórias não chegavam ao conhecimento dos alunos, e talvez por isso parecesse estranho, para a maioria deles, que Marcelo acumulasse também a coordenação do curso de Inglês. No Ensino Médio do Santa, as turmas de Inglês eram divididas por nível — básico, pré-intermediário, intermediário e avançado — e, entre os anos 1990 e 2000, as aulas eram conduzidas por um time de seis professoras, sob a coordenação de Marcelo.

Além de fluente no idioma, Marcelo convivia intimamente com a cultura britânica, de tal maneira que a sua supervisão colaborou para

e elevar a régua da disciplina, introduzindo aspectos de comportamento, textos jornalísticos e literários e, evidentemente, produções musicais e cinematográficas de primeira linha. Até na decoração da sala de apoio das professoras de Inglês, que ficava no final do corredor do prédio da terceira série, mais tarde transformada em sala dos professores, a verve artística de Marcelo acabou influenciando: ainda hoje, há nas paredes montagens que ele produziu com os cartazes de alguns de seus filmes preferidos, dirigidos por craques como Stanley Kubrick, Fellini, Wim Wenders e Almodóvar.

Naturalmente, Marcelo reproduziu na condução do curso de Inglês o estilo de coordenação, sempre conciliador e gentil, que havia impresso junto aos professores da segunda série.

— Ele apoiava as sugestões, não se opunha a levá-las até a direção, e não tinha uma vez que não voltasse de Londres com uma caixa de biscoitos ingleses para que repartíssemos nas reuniões — conta Renata. — E trazia uma lembrança para cada uma, mesmo que fosse um marcador de livros ou algo equivalente.

Mas havia um motivo adicional, tão importante quanto o gosto musical ou o apreço pelo teatro, que contribuiu para que Marcelo desenvolvesse uma desmedida predileção por Londres.

— Sempre discreto, ele raramente expunha sua vida pessoal — diz Antonietta. — E lá ele podia ser ele mesmo.



Marcelo vivia numa casa em Taboão da Serra (SP) e mantinha um pequeno canil de cães da raça rottweiler no quintal. Em frente à casa, um riacho separava a Rua Rio de Janeiro de uma bem estruturada mata de galeria — um verdadeiro bosque, povoado por pássaros e animais silvestres, a apenas 700 metros da Rodovia Régis Bittencourt.

Marcelo não trocava por nada aquele ambiente bucólico de cidadezinha do interior, algo surpreendente para um professor que nunca

aprendera a dirigir e que batia ponto todos os dias no Alto de Pinheiros — um percurso diário de pelo menos 30 quilômetros com poucas opções de transporte público.

Por muitos anos, Marcelo contratou os serviços do seu Raul, um motorista de táxi que morava próximo a ele e que o amparava nas idas e vindas entre seu refúgio e “a cidade”. Mantinha com ele uma rotina de horários pré-agendados, que seu Raul bloqueava na agenda. Por volta de 2009, Marcelo passou a intercalar as viagens de táxi com as caronas oferecidas pela colega Cris Sucupira, moradora da Vila Sônia, o último bairro de São Paulo antes da divisa com Taboão.

— Nós nos aproximamos muito nessa época — ela conta. — Foi quando o visitei com meus filhos e adotamos dois rottweilers.

Outras vezes, ele pegava carona com Conrado Amoroso, da secretaria do Ensino Médio, que morava no mesmo bairro. Ou iam todos com seu Raul, quando Conrado estava sem carro.

— Marcelo vinha sempre conversar com a gente na secretaria, um dos raríssimos professores que faziam isso — diz Conrado. — Entrava no fim da tarde, conversava de tudo, dava risada.

A risada de Marcelo, segundo Conrado, ecoava pelo corredor.

— Ele era um cara simples e discreto, o que tornava sua gargalhada ainda mais fora da curva.

Uma vez, em 2003, os dois foram juntos ao estádio do Morumbi, hoje MorumBis, para ver um jogo do Santos pela Libertadores da América, ambos a convite do padre Filinto, que foi animador espiritual no Santa nos anos 1990 e 2000 e ganhava ingressos para as cadeiras cativas de um pai de aluno, dono de uma das empresas que patrocinavam o São Paulo. Marcelo trouxera de Santos a tradição de torcer pelo saudoso time de Pelé, que àquela altura havia encerrado um jejum de 18 anos sem títulos de expressão e estava de volta à elite do futebol, com a dupla Robinho e Diego fazendo estrago nos adversários. O “Peixe” acabou vencendo a partida naquela noite, mas perderia a final sul-americana para o Boca Juniors. Marcelo também acompanhava as temporadas de vôlei

e tinha apreço pelos esportes em geral, sobretudo nas Olimpíadas. Mas sua fixação, ainda segundo Conrado, eram mesmo as representações visuais — e não apenas quando desenhava na lousa.

— Uma das minhas funções na secretaria era ajudar os professores a montar as provas — conta Conrado. — As do Marcelo eram as mais trabalhosas; elas iam e vinham uma dezena de vezes, porque ele nunca estava satisfeito com as ilustrações e as fotografias, principalmente quando incluía imagens de plantas e de células.

Mandava aumentar a foto. Depois tirava o fundo. Coçava o queixo, ainda decepcionado. Por fim, detalhista e meticuloso, trazia imagens alternativas para substituir as anteriores e mandar imprimir de novo. Isso quando não trazia fotos de alunos e colegas para que fossem reproduzidas em cores e fixadas com alfinetes, centenas delas, nos amplos murais que, até os anos 2000, preenchiam uma das paredes de sua sala.



Em 2010, Marcelo sofreu um infarto que lhe rendeu uma ponte de safena e comprometeu parte da atividade cardíaca. Ao completar 65 anos, em 2012, passou a conviver com a desconfortável sensação de que poderia partir a qualquer momento, o que motivou uma série de mudanças de atitude — principalmente após a morte de uma pessoa muito querida, que Marcelo acompanhou e amparou até o último suspiro.

Junto com o luto veio a decisão de se aposentar. Em 2015, dividindo o tempo entre as aulas optativas de Biologia e o cargo de vice-diretor do Ensino Médio, Marcelo decidiu que 2016 seria seu último ano no Colégio: havia chegado a hora de se aposentar. Antes disso, porém, ele tinha um desafio ainda mais urgente e desafiador por vencer, o mais audacioso — e prazeroso — projeto de sua vida: gravar um álbum autoral, com onze canções, no qual também cantaria.

Marcelo estava focado na produção do disco quando 2016 começou. Dois anos antes, em 2014, ele havia se matriculado em aulas de canto

e de violão numa escola no Morumbi. Para Daniel Szulc, professor do instrumento, contou sua trajetória na música, a experiência nos festivais de MPB dos anos 1970, e compartilhou com ele o sonho de, aos 68 anos, lançar um álbum-solo, um disco para chamar de seu. Daniel logo virou seu parceiro.

— Ele trazia as letras com as melodias, e eu fiquei de fazer os arranjos para aquele repertório, além de colocar a harmonia em algumas faixas — lembra Daniel. — O plano dele era terminar ainda em 2016 para tentar marcar alguns shows no Sesc no ano seguinte, quando pretendia já estar aposentado.

Aos poucos, ao longo do primeiro semestre, o material foi tomando corpo. Os dois gravavam no estúdio de Eduardo Salvitti, amigo de Daniel, também no Morumbi — primeiro a voz-guia e o violão, em seguida os demais instrumentos. Edu, o produtor, chegou a lhe indicar aulas adicionais de interpretação vocal com o ator Saulo Vasconcelos, astro de alguns dos principais musicais que desembarcaram em São Paulo nos anos 2010, como *O Fantasma da Ópera* e *A Bela e a Fera*.

— Ele foi trabalhar a voz para chegar mais seguro ao estúdio — diz Edu.

Simultaneamente, Marcelo começou a cuidar do resto. Primeiro, convidou a ex-aluna Dani Gurgel, da turma de 2002, na época trabalhando com fotografia e design gráfico, para produzir o encarte do CD.

— Fizemos um ensaio fotográfico na Avenida Paulista, da forma como ele havia pensado — ela conta.

Dani tinha acabado de dar à luz e levou a filha, Rita, de apenas um mês, no dia das fotos. O pai dela foi junto para ajudar com o bebê. Eram férias de julho e fazia frio. Nas imagens, Marcelo aparece com uma blusa de gola alta, na ilha central da avenida, em frente ao icônico edifício Pauliceia, vizinho da Fundação Cásper Líbero.

A mãe de Dani, a pianista, flautista e arranjadora Débora Gurgel, fez o arranjo de uma das canções, “Antes do Amanhecer”, que, segundo Marcelo, exigiria pelo menos piano e flauta. Melhor ainda se tivesse algum instrumento de cordas.

— Ele veio aqui em casa, a gente tocou, acertou o tom, ensaiou... — diz Débora. — Arranjei para piano, voz, flauta e violoncelo. Linda, linda.

Meus olhos fechados

Você ao meu lado

Presença de éter

De vésper, de lusco

Lenta madrugada

Duas canções foram arranjadas por Roberto Menescal, um dos autores de “O Barquinho”, que também gravou o violão e convidou Wanda Sá, outro expoente da bossa nova, para colocar a voz. A cantora participaria ainda de outras quatro faixas.

Dama da noite

Rouba o luar

Doce ilusão

Cor do minuto num segundo

Cerca de oito músicas já estavam bem encaminhadas, com quase todos os instrumentos gravados, algumas já com a voz definitiva de Wanda Sá, outras ainda com a voz-guia de Marcelo, quando ele decidiu fazer uma pausa nas gravações para voltar a Londres.



Em 7 de outubro de 2016, uma sexta-feira, véspera de uma semana inteira de recesso escolar, Marcelo chegou ao Aeroporto de Cumbica para se encontrar com Maria Teresa Lopes, sua amiga mais antiga. Teresa havia sido sua aluna no Ensino Médio do Stella Maris de Santos, em 1970, e, um ou dois anos depois, engatou uma amizade com Marcelo que já somava 45 anos. Marcelo lhe pareceu abatido.

— Você quer ir, mesmo? Tô te achando pálido.

— Imagina, é só cansaço — ele respondeu. — Lá eu melhoro.

Marcelo não melhorou. No segundo dia em Londres, um domingo, preferiu passar o dia no hotel, descansando. Na terça, insistiu em ir à peça para a qual havia reservado ingressos, mas o rebote veio com tudo. Na quarta, foi convencido a antecipar a viagem de volta. Teve um mal-estar no voo e precisou ser atendido pela tripulação. No desembarque, um amigo os buscou e os levou para o hospital.

— O que ele atribuía ao estresse era insuficiência cardíaca — diz Teresa.

Marcelo foi encaminhado para a UTI, onde passou a ser monitorado 24 horas, sem previsão de alta. Edison, o irmão, chegou de Portugal para visitá-lo, juntamente com a esposa, a atriz Irene Ravache, cunhada de Marcelo. Edu Salvitti, o produtor do álbum, levou um *headphone* para mostrar as faixas já mixadas. Oscilando entre cochilos e momentos de consciência, Marcelo se emocionou e assentiu, em sinal de aprovação.

Já aposentado, Marcelo decidiu realizar o sonho de gravar um álbum autoral. Em uma das faixas, chegou a reunir Roberto Menescal e Wanda Sá

Um dia, Teresa foi até o Santa para levar os chocolates que Marcelo tinha trazido de Londres para o pessoal da secretaria. Conrado e Edisleu Brito do Prado foram visitá-lo em seguida. Fizeram Marcelo rir tanto que levaram bronca da equipe de enfermagem.

Professores também iam visitá-lo com frequência, principalmente Cris Sucupira, àquela altura a mais próxima das colegas. Foi dela a sugestão de consultar a cardiologista Maristela Monachini, médica e professora da USP, com filhos no Santa, sobretudo quando entendeu que, mesmo após o primeiro infarto e a ponte de safena, Marcelo vinha sendo acompanhado por um clínico-geral, e não por um cardiologista.

— Marcelo aceitou que eu a chamasse, mas havia pouco a ser feito àquela altura — diz ela.

Depois de um mês e meio de internação, a equipe do hospital ofereceu a Marcelo a possibilidade de colocar um coração artificial, externo, ainda uma tecnologia muito nova. Maristela tratou de explicar o cenário. O tal coração era um trambolho que assumiria a função de bombear o sangue e precisaria ser arrastado por Marcelo para todos os lados, numa espécie de carrinho. Tinha uma autonomia de poucas horas fora da tomada, o que implicava mobilidade reduzida. E, até aquele momento, nenhum paciente havia sobrevivido mais de dois ou três meses com a máquina. A bibliografia indicava pacientes jovens, não elegíveis a transplante cardíaco, que tinham sobrevivido cerca de 40 dias na UTI e nada mais. Com baixíssima qualidade de vida. Por fim, um agravante: nenhum coração externo havia sido testado num paciente de 69 anos.

A decisão, no entanto, teria de ser do próprio Marcelo. Ciente dos prós e contras do equipamento, ele se fechou com a equipe médica e, ao cabo de vinte minutos, decidiu não se submeter a tamanho desgaste.

Os átrios e ventrículos que Marcelo costumava desenhar com esmero na lousa já não desempenhavam seu papel. Válvulas perdiam a harmonia, o ritmo, o compasso. Artérias atravessavam o tempo, invertiam a cadência e embaralhavam os versos do biólogo-compositor.

Sem o coração artificial, que Marcelo acabara de dispensar, todos ali sabiam que seu tempo havia acabado.

Provocado por Cris, o amigo manifestou seu último desejo. Pediu a ela que lhe trouxesse uma porção de sorvete de coco. Cris saiu e voltou com um pote. Marcelo deu duas colheradas e, satisfeito, deixou o sorvete de lado. Era uma sexta-feira, final de tarde, horário em que ela normalmente lhe daria carona até Taboão. A morte de Marcelo foi comunicada no dia seguinte, 3 de dezembro de 2016, um sábado.

Desde 2018, Marcelo Paes de Mello dá nome à sala dos professores do Ensino Médio — não por acaso, o coração pedagógico daquele pavilhão, de onde a inspiração se espalha para irrigar salas, quadras e corredores. Sístoles e diástoles. 

Série “Santa Cruz de perfil”

Marcelo Paes de Mello:

Todo coração

Projeto Editorial

Alejandro Miguelez

Fábio Marinho Aidar

Projeto Gráfico e diagramação

Caracol Design

Redação

Camilo Vannuchi

Revisão

Elvira Grande Gago

Foto de capa

Dani Gurgel



Para a elaboração deste perfil, foram entrevistadas as seguintes pessoas: Antonietta Scarabello, Conrado Amoroso, Cris Sucupira, Dani Gurgel, Daniel Szulc, Edison Paes de Mello, Eduardo Salvitti, Fábio Aidar, Kátia Grieco, Luiz Henrique Godeghesi, Maria Teresa Lopes, Mariana Cabral de Oliveira, Renata Cataldi, Raul Teixeira e Suzana Granato.

Série “Santa Cruz de perfil”

Edições publicadas

Padre José Amaral de Almeida Prado

Sacerdote da esperança, educador
de minúcias
(setembro de 2015)

Padre Roberto Grandmaison

Fermento na massa
(setembro de 2016)

Padre Paul-Eugène Charbonneau

O boxeador que ensinava a pensar
(setembro de 2017)

Padre Lourenço Roberge

Razão, fé e sensibilidade
(setembro de 2018)

Padre Lionel Corbeil

Pragmático sonhador
(novembro de 2019)

Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães

O educador que inventou o futuro
(dezembro de 2020)

Lucy Sayão Wendel

Química do caráter, pedagogia
da persistência
(junho de 2021)

Wagner Pittelkow

O multiplicador de memórias
(setembro de 2021)

Sylvio Nepomuceno

O matemático à procura de uma onça
(dezembro de 2021)

Malu Montoro

Um olho na educação, outro na
cidadania
(maio de 2022)

Marília Morello

Uma educadora de portas abertas
(junho de 2022)

Eneida de Toledo Pereira

A supervisora que fazia a escola
funcionar
(julho de 2022)

Clóvis Moreno

Paixão e harmonia em sons e formas
(agosto de 2022)

Orlando Joia

Professor, diretor e sempre aluno
(agosto de 2022)

Flávio Berthola Facca

Adorável disciplinador
(setembro de 2022)

Padre Agnelo Filinto

Animado e espirituoso animador
espiritual
(setembro de 2023)

Marcelo Paes de Mello

Todo coração
(setembro de 2026)

